

humanitas



Vol. XXXIII – XXXIV

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HUMANITAS

VOLS, XXXIII-XXXIV



MCMLXXXI-MCMLXXXII

COIMBRA

as tentativas da oposição simbolizada em Vénus e Marte, o maravilhoso pagão de mãos dadas com a intervenção cristã nas figuras de Palas e o Pai Todo Poderoso, dados biográficos do autor da obra, que a teria escrito na sua adolescência, como o demonstram estes versos:

Tu uati nimium tenero, insuetoque Camaenis
Da mihi te facilem, et surgentibus annue caeptis.

E, mais uma vez, Virgílio, o manancial inspirador dos nossos poetas, *mutatis mutandis* dá entrada ao seu canto: Facta, uirumque cano...

Surge-nos, pois, um trabalho mexicano remontando ao século XVIII, porque «rescatar de los archivos nuestra literatura latina y darla a la luz, es enriquecer el aprecio por nuestro pasado», não só dos séculos XV e XVI, mas ainda do século XVII, época em que Portugal, liberto do jugo alheio, procurou dimensões culturais em terras de horizontes mais amplos.

MARIA ALCINA DOS MÁRTIRES LOPES

ANDRÉ DE RESENDE, *Vincentius leuita et martyr*. Reproduction en fac-similé de l'édition de Luís Rodrigues, Lisbonne, 1545. Introduction par José V. de Pina Martins. Barbosa & Xavier, Ltd., Editores. Braga 1981 132 pp. + 115 fotocópias.

«Habent sua fata libelli». O *Vincentius leuita et martyr* de André de Resende também: em 1981, os progressos na técnica de impressão e a comemoração do IV Centenário da morte de Camões conjugaram-se para que reaparecesse ao público tal como surgira pela primeira vez (em 1545), numa edição fac-similada que constitui um triplo presente: para Camões, para André de Resende, para quantos se interessam pelo século XVI português.

Nas cerca de 117 páginas que precedem o referido fac-símile, o Prof. Pina Martins, depois de uma breve Introdução (justificação da obra agora editada), procede ao estudo do *Vincentius* sob três perspectivas:

1. «Des *Lusiadas* au poème *Vincentius leuita et martyr*».
2. «Le poème d'André de Resende et la culture de l'humanisme».
3. «Typographie et iconographie du *Vincentius leuita et martyr*».

O primeiro capítulo (pp. 25-53) apresenta um título aparentemente paradoxal, já que de fontes resendianas nele se trata. Mas o título traduz o espírito com que foram analisadas as ressonâncias, no poema de Camões, de passos do *Vincentius*. Por outras palavras: são *Os Lusíadas* a dar o toque do interesse do poema de André de Resende; são as razões «camonianas» para o seu estudo.

O Prof. Pina Martins retoma aqui alguns dados do confronto entre os dois poemas feito por J. M. Rodrigues (1), mas acrescenta e estuda alguns outros (2) que terão escapado ao minucioso estudo de J. M. Rodrigues. As suas observações não esquecem o pressuposto de que nem sempre uma afinidade verificada implica contacto directo entre as obras, podendo ser resultado de fonte comum. Tal princípio, no entanto, não esteve presente quando, a respeito de *Os Lusíadas*, III, 74, 5-8 faz a seguinte observação: «José Maria Rodrigues a négligé un passage des *Lusíades*, où la référence explicite témoigne d'une connaissance directe du thème du *Vincentius*. Il s'agit pourtant d'un demi-huitain, qui est une sorte de résumé de l'oeuvre de Resende» (p. 38).

Salvo melhor opinião, não me parece forçoso considerar no texto camoniano um reflexo directo do poema de A. de Resende. Segundo J. M. Rodrigues (3), a *Crónica de D. Afonso Henriques*, de Duarte Galvão inspirou simultaneamente André de Resende e Camões. É certo que, nas *Adnotationes* que elaborou para o seu poema, Resende não faz referência, salvo erro, a Duarte Galvão como sua fonte. Nem era necessário, não só porque um poema não é história (não está sujeito às suas leis), mas também porque, se a parte «iliádica» da vida do Santo fora fixada por S. Prudêncio (a que se refere, por exemplo, na nota 119 ao Livro I), a parte «odisseica», envolta em roupagens pouco menos que lendárias, fora fixada «oficial» e «historicamente» (4) pela *Crónica* de Duarte Galvão. Atitude bem diferente assumiu A. de Resende quando teve de tomar posição na controvérsia que entretanto se levantara sobre o exacto local das relíquias do Santo. Fá-lo numa longa carta (5) onde, num total de 60 páginas, 15 são dedicadas a esta questão. Aí são necessariamente aduzidos, entre muitos outros documentos históricos, alguns passos da *Crónica de D. Afonso Henriques* de Duarte Galvão. Assim sendo, será talvez preferível

(1) «Camões e André de Resende», in *Fontes dos Lusíadas*. Lisboa, Academia das Ciências de Lisboa, 1979, pp. 9-32.

(2) Nomeadamente: o *topos* das armas e das letras, várias vezes tratado por Camões, que aproxima de um passo do *Vincentius* (fl. Cvijj r), consciente embora de que o *topos* fora largamente versado no Renascimento; semelhança entre *Vincentius* fl. Iijj r e *Os Lusíadas* I, 33, 7-8, «qu'on voit bien qu'il s'agit d'une traduction» (p. 35).

(3) *Op. cit.*, p. 9: «lendo os hexâmetros dactílicos em que André de Resende, com frequentes alusões mitológicas e reminiscências dos clássicos latinos, trata do martírio e trasladação de S. Vicente — um dos capítulos da crónica de D. Afonso Henriques — /.../»; cf. ainda: *Idem*, «Camões e Duarte Galvão», *op. cit.*, falando da *Crónica de D. Afonso Henriques*: «as estâncias em que o poeta se ocupa do conde D. Henrique e do reinado de D. Afonso Henriques (III, 23-85; VIII, 9-21) são, na máxima parte, extraídas desta obra /.../» (p. 33).

(4) J. M. Rodrigues, *op. cit.*, p. 33, nota 1.

(5) L. A. Resendii, *Pro sanctis Christi martyribus Vincentio Olissiponensi patrono, Vincentio, Sabina & Christhetide, Eborensibus ciuibus, & ad quaedam alia Responsio*. Ad Bartholomaeum Kebedium. Olissipone. Apud Franciscum Gacionem in officina Ioannis Barrera, Typographi Regii, anno MDLXVII.

considerar que esta obra foi fonte comum para o *Vincentius* (Livro II) e *Os Lusíadas*, III, 74, 5-8.

Com o capítulo II (pp. 57-93), o Prof. Pina Martins tem sobretudo em vista sublinhar a estreita ligação entre humanismo e cristianismo verificável no *Vincentius* (e noutras obras da época), e torna patente a sua discordância face às posições de Odette Sauvage defendidas no conhecido artigo «Resende, plus humaniste que chrétien? A propos de son poème sur Saint Vincent, patron de Lisbonne» (6). Para tal faz um levantamento dos autores citados nas *Adnotationes*, revelando que, das cerca de 225 citações de escritores clássicos, gregos (poucos) e latinos, a maioria diz respeito a poetas, Virgílio em primeiro lugar, depois Ovídio, e, a uma grande distância, muitos outros. Ora «la Renaissance a vu dans l'*Énéide*, comme dans les *Métamorphoses*, des textes où l'humanisme pouvait être interprété à la lumière de la *pietas christiana* [...]» (p. 59).

Voltando-se de seguida para as fontes cristãs do *Vincentius*, aduz exemplos vários (7) de como no poema se encontram «exposés les principes fondamentaux de la révélation chrétienne [...]» (p. 80).

Quanto aos reflexos dos clássicos do humanismo europeu no *Vincentius*, também as *Adnotationes* (e o espírito de certos passos) sugerem, embora as mais das vezes em aspectos de pequena erudição, o conhecimento de importantes autores contemporâneos. Érasmo, sem dúvida o mais notável, é nominalmente referido três vezes. Mas, diz o Prof. Pina Martins: «Nous avons vu plus haut à quel point les opinions de Resende en matière de théologie, telles qu'elles se présentent dans les commentaires du poème et des professions de foi chrétienne de Vincent, sont conformes à un humanisme théologique, que l'on peut considérer comme érasmien, même s'il n'est pas à proprement parler érasmiste» (pp. 83-84).

O capítulo III (pp. 97-124) provará que «*Le Vincentius leuita et martyr*, publié à Lisbonne en 1545 par l'imprimeur Luís Rodrigues, est une pièce remarquable, d'un point de vue technique aussi bien qu'artistique et artisanal, qui témoigne du haut niveau de la typographie portugaise. Aussi mérite-t-il une étude bibliologique qu'il faut essayer de réaliser» (p. 97). Dado tratar de questões demasiado técnicas, pouco receptivas portanto a qualquer redução esquemática, a apresentação do capítulo ficará por aqui. Chama-se a atenção, contudo, para assuntos de grande interesse nele abordados, como as relativas à gravura da página do título — estrutura e origem (veneziana) —, à marca do impressor (que ilustra a última página do *Vincentius* e diz do modo como «la Renaissance portugaise faisait l'exégèse symbolique des mythes nés du paganisme, mais christianisés ou tout au moins adaptés à l'iconologie chrétienne» (pp. 120-121)) e, por último, à marca do papel.

Convém observar, e o Prof. Pina Martins não deixa de o fazer (8), que neste

(6) In *Arquivos do Centro Cultural Português*, vol. VIII. Paris, Fondation Calouste Gulbenkian, 1974, pp. 115-129.

(7) Por exemplo: *Vincentius* fl. Diiij v — E r, onde se defende a utilização de *Sermo*, suspeito de heterodoxia, mas já atestado em Prudêncio, em vez de *Verbum*.

(8) Veja-se pp. 18, 21 (nota 19) e, em especial, p. 91:

«Bien que je ne sois pas insensible à l'harmonie des vers de Resende, je n'aborderai pas ce point qui dépasse mes compétences, c'est une séduisante recherche que je laisse à d'autres [...]». Aqui fica registado o convite.

estudo do *Vincentius* não foi dada particular atenção às qualidades literárias do poema. Sem dúvida que o latim de Resende é elegante e não destoa no conjunto do que de bom produziu a Europa do Renascimento. Mas o poema (e muito especialmente as *Adnotationes*) importa sobretudo como documento para o conhecimento cultural da época.

Concluindo: a par do manifesto interesse que o desenvolvido estudo introdutório do Prof. Pina Martins apresenta, é de felicitar a iniciativa da publicação do *Vincentius leuita et martyr*, num fac-símile de grande qualidade, pelo que ele representa para a investigação do Humanismo português, de que André de Resende é um dos maiores expoentes.

VIRGÍNIA SOARES PEREIRA

MARCEL BATAILLON, J.-C. MARGOLIN, JORGE B. DE MACEDO, JEAN AUBIN, ISAÍAS DA ROSA PEREIRA, **Damião de Góis, humaniste européen**, études présentées par José V. de Pina Martins, Braga-Paris, École Pratique des Hautes Études — IV.^{me} Section, Centre de Recherches sur le Portugal de la Renaissance, 1982, XLIV + 360 pp. e 2 extratextos.

Se o centenário da morte de Damião de Góis não houvesse esbarrado contra acontecimentos políticos de bem recente memória, outras teriam sido as comemorações que, dadas as circunstâncias, se ficaram, por então, nas levadas a efeito, aliás honrosa e solenemente, pelo Centro Cultural Português de Paris, da Fundação Calouste Gulbenkian, e pela Academia das Ciências, de Lisboa. É das de Paris que o livro em epígrafe trata, corporizadas em cinco conferências, desde a primeira em 20.II.1974 até à última, sob forma de seminário na Sorbona, em 13.III.1975. Esta recensão, porém, respeitará a ordem da colectânea.

Marcel Bataillon, iniciador do ciclo comemorativo, esboçou em «Damião de Góis», um perfil simpático do escrivão da feitoria de Antuérpia, do amador das artes plásticas, do musicógrafo, do cosmopolita, do latinista, do patriota, do precursor do ecumenismo, do irenista entusiasmado com a nova cruzada, do defensor de Lovaina, do perseguido da Inquisição. Em tom de palestra; o douto mestre não gozava já da saúde que lhe possibilitou aprofundar a riquíssima temática legada em património. Uma ou outra expressão causa certa estranheza, para além do juízo demasiadamente depreciativo acerca do latim goisiano, juízo que tencionava reformular, como lhanamente me declarou, se a morte lhe não houvera roubado o tempo para a revisão deste texto. Chamar a D. João III «roi-marchand», negar a Damião de Góis o merecimento de «escritor» e conferir-lhe apenas o de «homme de plume» porque «il a très peu écrit en portugais»; afirmar que o nosso humanista «n'a jamais cherché l'élégance épistolaire» e por isso não lhe quadra o nome de epistológrafo — são, quando menos, dormições curiosas de um sábio. José de V. Pina Martins,